

Maely Alves de Mesquita

A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM

RELAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS (1979-1989)



SER
TÃO
CULT

SÉRIE HISTÓRIA
CAMOCINENSE



Maely Alves de Mesquita

Historiadora, formada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Filha de Camocim, atua como professora no Colégio Georgina Leitão Macedo desde 2020, lecionando as disciplinas de História e Geografia.

Maely Alves de Mesquita

A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM

RELAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS (1979-1989)



Camocim - CE

2021



A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM RELAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS (1979-1989).

© 2021 copyright by Maely Alves de Mesquita.

Série História Camocinense - Tomo 1 - Volume 2

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaoacult@gmail.com
www.editorasertaoacult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho História

Ana Paula Gomes Bezerra
Andraia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Cícero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Felipe Azevedo Cazetta
Francisco Denis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima

Organizador da Série História Camocinense:
Carlos Augusto P. dos Santos

Revisão

Celina Maria Linhares Paiva

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catalogação

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

M582c Mesquita, Maely Alves.

A cantoria nas ondas das rádios AM de Camocim: relações políticas e culturais (1979-1989). / Maely Alves de Mesquita. – Sobral, CE: Sertão Cult, 2021.

70p.
Série História Camocinense
Tomo 1 - v.II

ISBN: 978-85-67960-56-2 - papel
ISBN: 978-85-67960-57-9 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960579-2021

1. História. 2. Cultura. 3. Política. 4. Música. I. Título.

CDD 907.2
869.4

Dedico ao Abba, meu criador. Dedico ao meu poeta que se fez pai, se foi e hoje é verso em mim.

Sem o auxílio dos que reservaram um pouco do seu tempo para que eu pudesse concluir essa pesquisa, talvez eu não tivesse êxito.

Sou grata a minha família pelo apoio e por compartilhar os sonhos. Sou grata a meus amigos que se mostraram irmãos. Ao meu orientador Carlos Augusto P. dos Santos por sua paciência e estímulo.

E expresso gratidão pelos sentimentos impressos em cada uma das fontes, pela poesia nas horas de alegria e saudade, e pelo ombro amigo daqueles que acompanharam de perto essa pesquisa. Aos entrevistados, aos professores e a cada um que sonhou e desenhou comigo cada traço dessa história.

E por fim agradeço a Deus pela presença e providência constante durante toda essa trajetória. A Ele seja a Glória!

SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE

Caros alunos, cidadãos camocinenses e leitores em geral.

Dentro do processo de divulgação de nossa história, desde 2017 que o município de Camocim conta com o livro didático HISTORIANDO CAMOCIM, além de outros títulos de caráter paradidático, como: A NOSTALGIA DOS APITOS – A Estrada de Ferro de Sobral. Quarenta anos depois da partida do último trem de Camocim (1977-2017); PINTO MARTINS – Um voo na memória e na história do avião camocinense; e O TERRA E MAR - Roteiros históricos e sentimentais de Camocim na obra de Carlos Cardeal.

Sem dúvida que a adoção e circulação destes livros no campo da história tem dado uma contribuição fundamental para professores e alunos da rede pública de ensino. No entanto, muito ainda sobre nossa história precisa ser pesquisado, publicado e divulgado. Neste sentido, estamos apresentando mais um projeto que busca ampliar e diversificar os temas que contam a história de nosso povo – a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, fruto do trabalho de organização do Coletivo de Historiadores de Camocim.

Embora ainda em caráter informal, o grupo de historiadores locais vem se reunindo desde o ano de 2020, imaginando projetos e propondo ações junto a vários parceiros e a administração pública, que dizem respeito à preservação histórica e do ensino de história.

Desta forma, a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, inicialmente pensada em três tomos, cada tomo com dois volumes, tem como objetivo

primeiro dar vazão a uma demanda reprimida de ótimos trabalhos de pesquisa realizados por historiadores locais. Nesta primeira leva de publicação da série, dois tomos virão a lume, com quatro trabalhos, abaixo discriminados os seus títulos e autores:

Tomo 1 – Eixo: Comunicação e cultura musical.

Vol. 1. “CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA”: História e memória dos festivais de música em Camocim-CE (1986-2003). Autores: Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz) e Carlos Augusto Pereira dos Santos.

Vol. 2. A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM: Relações políticas e culturais (1979-1989). Autora: Maely Alves de Mesquita.

Tomo 2 – História e Imaginário.

Vol. 1. MIOLO DE POTE – Dez anos do blog “Camocim Pote de Histórias” (2011-2021). Autor: Carlos Augusto P. dos Santos

Vol. 2. DEPOIS DA MEIA-NOITE: Experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969). Autor: Edcarlos da Silva Araújo.

Por ora, agradecemos a Prefeitura Municipal de Camocim por possibilitar a publicação destas obras e a sua inserção na rede pública de ensino. E que futuras parcerias possam se concretizar para uma maior divulgação e visibilidade da nossa história.

Camocim, setembro de 2021,
142 anos de emancipação política.

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador da Série História Camocinense.
Prof. do Curso de História da Universidade
Estadual Vale do Acaraú – UVA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
------------------------	----------

CAPÍTULO 1

ESTÁ NO AR: O RÁDIO E O COTIDIANO NO BRASIL E NO CEARÁ.....	13
1.1 O rádio no Brasil e no Ceará.....	13
1.2. A representatividade nas programações das rádios locais.....	22
1.3. As emissoras de rádio em Camocim: das amplificadoras às ondas AM e a questão política.....	30

CAPÍTULO 2

OS FESTIVAIS DE MÚSICA NO CEARÁ.....	37
2.1 Ondas políticas em frequência AM.....	37
2.2. “Violas da minha praia”: memória, rádio e cultura.....	43
2.3. Entretenimento e Comércio.....	54

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
----------------------------------	-----------

FONTES.....	65
--------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	67
--------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Navegar pelas ondas da história do rádio e fazer historiografia a partir da sonoridade e da oralidade do cotidiano de uma determinada sociedade em que grupos políticos estão ligados intrinsecamente à comunicação, é uma tarefa que requer determinação e cuidado ao analisar as memórias e dar conta do processo de adaptação do próprio rádio através dos tempos.

“História, memória e cantoria nas ondas das rádios AM de Camocim: relações políticas e culturais (1979-1989)” é uma pesquisa que trata de entender como um meio de comunicação de massa - o rádio, pode influenciar o cotidiano de uma cidade, politicamente e culturalmente. Assim, no presente trabalho, pretende-se apresentar a utilização da mídia radiofônica, nas rádios Pinto Martins e União de Camocim, como ferramenta de divulgação cultural – especificamente os programas de cantoria - e, na representação política-ideológica da cidade de Camocim-CE, tomando como ponto de partida no nosso recorte temporal, a inauguração das primeiras emissoras de rádio AM na cidade e os nove primeiros anos de funcionamento das mesmas.

Há poucos estudos no que diz respeito à história do rádio em Camocim e meandros ainda não explorados, talvez pela própria escassez de fontes documentais e oficiais. Assim as narrativas orais dos sujeitos que participaram dessa história, sejam em con-

tato com o ambiente do rádio, seja como ouvinte ou cantador, são de suma importância para que a proposta historiográfica aqui desenvolvida se efetuassem. Portanto, a oralidade funcionou como método de reconstituir esse passado através das memórias desses sujeitos.

Para que se possa compreender a importância da mídia radiofônica e sua relação com a política e a cultura, o trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo “*Está No Ar: O Rádio e o cotidiano no Brasil e no Ceará*” aborda brevemente a história do rádio e sua função como meio de comunicação político, sua gênese no âmbito nacional e regional. Os tópicos que o constituem abordam como o rádio influenciou no cotidiano cearense e seu desenvolvimento desde a inauguração da primeira emissora de rádio no Ceará. Trata também da representatividade nas programações locais, como os programas de música, de forró e, principalmente, de cantoria, e como o sentido de identidade está ligado à memória, seguindo o pensamento de Michael Pollack, em que essas memórias são uma seleção dos ouvintes daquilo que os identificavam nas programações. As memórias relatadas são narradas a partir das vivências, dos valores e das concepções compartilhadas por cada sujeito, logo trata-se de uma experiência individual, mas sempre remetida à uma convivência com outros. O primeiro capítulo se encerra dando um breve histórico de como tudo começou com as amplificadoras e a forte influência dos dois grupos políticos na cidade de Camocim, liderados pelas famílias Aguiar e Coelho/Veras, popularmente conhecidos como *Cara Preta* e *Fundo Mole*, respectivamente.

O segundo capítulo “*O ouvinte eleitor tem a preferência: política, cultura e comércio*” mostra como surgiram as duas emissoras de rádio AM e como os microfones das mesmas viraram palanques eleitorais para os dois grupos políticos da cidade - que não

disputaram não somente votos, aplausos e a fidelidade dos eleitores - mas também a audiência dos ouvintes que garantiam a esses grupos sua lealdade partidária e a cadeira cativa de suas programações. Primeiramente trata-se da importância dessas emissoras dentro da sociedade camocinense, como funcionavam e entender seu papel no campo político; só então passa-se a analisar sua influência cultural, a importância da memória e da oralidade da cantoria para o ouvinte da rádio que se identificava com esse gênero. Recorre-se aqui ao conceito de oralidade empregado por Le Goff, no qual a oralidade das narrativas do cotidiano é objeto da história e se entrelaçam a oralidade da cantoria que canta a respeito desse cotidiano.

Algumas entrevistas estão relatadas para que se possa conhecer um pouco como se dava as relações entre os ouvintes e as programações. Assim pode-se conhecer, então, a estrutura política que por muito tempo esteve presente em Camocim e levantar questões a partir da relevância desses dois grupos políticos que eram regidos por famílias tradicionais da sociedade camocinense, que desenham e marcam a história política da cidade até os dias presentes.

Conhecer a história política local nas ondas do rádio é mergulhar na memória local e conhecer uma cidade que viveu uma forte influência do rádio, não só no campo político, mas no campo cultural e econômico. Entendendo sempre que as narrativas são práticas sociais e expressões da experiência vivida e que, por meio da oralidade, pode-se compreender e interpretar a realidade da época aqui proposta. Assim, as narrativas aqui trabalhadas e os fatos apresentados constroem um grande quadro de relações em que estão inseridas as emissoras de rádio de Camocim.

CAPÍTULO 1

ESTÁ NO AR: O RÁDIO E O COTIDIANO NO BRASIL E NO CEARÁ.

1.1 O rádio no Brasil e no Ceará.

Conhecer e desbravar a história local através das ondas do rádio é uma atividade que requer do pesquisador uma disposição para mergulhar na memória local e desvendar a forte influência do rádio, não só no campo político, mas no campo cultural e econômico do cotidiano de uma sociedade. A história do rádio está ligada intrinsecamente nesse cotidiano e aquilo que o compõe, afinal, o cotidiano é história. O rádio faz parte desse cotidiano vivido pelo sujeito histórico, logo o rádio faz parte desse acontecer histórico. Essa linha de raciocínio pode ser bem exemplificada por Heller:

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. [...] toda façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. [...] a vida cotidiana é a vida do indivíduo¹.

¹ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000, p. 20.

É nesse espaço histórico que o rádio influencia e torna-se parte ativa desse cotidiano e, assim, por consequência, objeto de estudo historiográfico, não apenas objeto isolado, mas também a interação entre os sujeitos históricos, suas relações, o cotidiano, a memória e assim uma parte da história local. O que se pretende aqui é um breve mergulho histórico nas ondas do rádio em Camocim. Não uma marola, ou um *tsunami* devastador, mas uma onda significativa para a política, o comércio e, porque não, para a cultura.

Segundo Calabre, “entre os anos 20 e os 60 do século XX o rádio foi o principal veículo de comunicação de massa do Brasil”.

² Com o surgimento da radiodifusão, o cotidiano do trabalhador foi alterado pela rapidez da comunicação e a difusão ideológica que afetava diretamente a vida desses trabalhadores, influenciando a política e a cultura.

Seguindo a mesma dinâmica que se instaurou na maioria dos países do mundo ocidental, estes foram anos de mudanças profundas nas estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas da sociedade brasileira. Mudanças das quais o rádio participou ora cumprindo papéis secundários e ora cumprindo papéis fundamentais³.

Para Schafer, o rádio tornou-se o *relógio da civilização ocidental* dando nova sonoridade ao cotidiano antes comandado apenas pelo sino das igrejas e apitos das fábricas⁴. Como reforça Caparelli, em *Comunicação de massa sem massa*⁵, o rádio tornou-se também um meio de grande eficácia na estratégia política, pois atinge ní-

2 CALABRE, Lia et al. *A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira*. (1923-1960). 2004, p. 2. Disponível em: www.casaruiarbosa.gov.br. Acesso em: 13 dez. 2018.

3 CALABRE, Lia et al. *Op. cit.* Disponível em: www.casaruiarbosa.gov.br. Acesso em: 13 dez. 2018.

4 SCHAFER, R. Murray. *Rádio radical*. Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea, v. 2, Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997, p. 29.

5 CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. Summus Editorial, 1986.

veis expressivos de popularização e o poder da persuasão exercida por estar inserido na vida cotidiana das pessoas.

A história da radiodifusão no Brasil começa em 1922, no dia 7 de setembro, com a primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil, como parte das comemorações do Centenário da Independência. A *Westinghouse Electric*, junto com a Companhia Telefônica Brasileira, instalou no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro, uma estação de 500w, ao som da voz do presidente Epitácio Pessoa com um discurso inaugural da radiofonia e com a presença do Rei da Bélgica, festividade que enfatizou o poder do governo vigente. O pronunciamento foi seguido de música lírica, conferências e concertos, captados pelos 80 aparelhos de rádio distribuídos por toda cidade, sendo as transmissões interrompidas após as festividades⁶.

Para que houvesse essa transmissão foi necessário adotar uma medida, tomada depois da festiva transmissão da Exposição do Centenário da Independência. A então decisão designava a Reparação Geral dos Correios e Telégrafos como responsável pelas transmissões de radiotelefonia e da radiotelegrafia no país. Seis meses demoraram até a homologação do regulamento dos serviços.

Vale aqui ressaltar que a sede do governo federal no ano em questão era o Rio de Janeiro e que a real intenção da inauguração radiofônica era o enaltecimento do Governo e uma oficialização daquilo que é característico do rádio e das mídias em primeiro momento: a instrumentalização ideológica, uma vez que o governo possuía nas mãos a concessão radiofônica do país. Em 1923 o governo montou na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, uma estação de rádio que transmitia em suas ondas sonoras tanto os programas literários, musicais como os informativos. Criou-se então

6 *ENCICLOPÉDIA BARSA*. v. 11. Elaborada sob a supervisão dos editores da Encyclopédia Britânica Editores LTDA. RJ, SP, p. 364-366, 1969.

a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* através das ideias e da parceria de Roquette Pinto e Henrique Morize, que apresentavam programas educativos e culturais.

A partir disso, são fundadas rádios amadoras em várias partes do Brasil, como a *Rádio Clube Paranaense*, a *Rádio Clube de Pernambuco*, a *Rádio Sociedade Rio-Grandense*, a *Rádio do Maranhão*, a *Rádio Sociedade Educadora Paulista* e a *Rádio Clube de Ribeirão Preto*. Todas nasceram como clubes e sociedades, já que, na época, a legislação proibia a publicidade e essas emissoras eram sustentadas por associados⁷.

O rádio torna-se elemento presente no cotidiano do brasileiro, tendo como sua principal marca o empreendimento político e sua origem na iniciativa da sociedade civil organizada. No ano de 1932, o governo de Getúlio Vargas permitiu que a publicidade entrasse no rádio, as emissoras passaram então a ser sustentadas pelo dinheiro de anúncios e a serem regidas por interesses comerciais dos seus patrocinadores e comerciantes, e não mais somente de seus associados. As rádios, ao longo do tempo, perdem um pouco do seu caráter de “associação”. Ainda no mesmo ano, os locutores paulistas fazem do rádio um instrumento para conseguir a adesão popular à Revolução Constitucionalista de 1932, validando ainda mais o caráter político das ondas radiofônicas⁸.

Para Caparelli, o rádio é um instrumento eficaz de atuação política quando atinge seus níveis de popularização. Esse período que inicia no Brasil exatamente na Era Vargas, tornando Getúlio

7 NETO, Mário Jorge Teles De Souza. *A Vida do Alvinegro*: um caso de rádio esportivo apaixonado. Monografia. Faculdade 7, p. 29-30, 2008.

8 ALMEIDA FILHO, Edgard Patrício - *A voz do Ceará*: comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube entre 1934 e 1948. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2006. p. 38. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3074>. Acesso em: 17 dez. 2017.

Vargas o primeiro governante a utilizar e aproveitar a importância política das ondas do rádio, em nível expressivo⁹.

No Ceará, no ano de 1931, foi criada uma associação dos amadores de rádio do Ceará que reuniu nomes como Francisco Aprígio Riquet Nogueira, Clóvis Fontenele, Joaquim da Silveira Marinho, Eusébio Nery Alves de Sousa, Álvaro de Azevedo¹⁰, Jorge Ottoch, João Dummar, que idealizou e organizou a implantação do rádio no Ceará. Entre os anos 1920 e 1940, a sede do Clube Iracema era no Palacete do Ceará, que está situado à Rua Guilherme Rocha, 48, Praça do Ferreira, centro da cidade de Fortaleza, local onde passou a ocorrer as audições e reuniões da associação. O prédio foi inaugurado em 1914 e é símbolo das transformações da cidade de Fortaleza. O local foi, por longos períodos, o ponto de encontro da sociedade cearense. Em 1955 foi posto à venda e adquirido pela *Caixa Econômica Federal*, que já o ocupava desde 1946.

O Estado do Ceará logo teria a sua primeira emissora de rádio oficial. No Rio de Janeiro já era fundada a *Agência Rádio*, agência de notícias que se prestava a produzir material para todos os jornais do país.

Comunicam-nos os sr, R. Pereira Guimarães e Victor Hugo Vieira, diretores, que acabam de fundar com sede à rua República do Peru, n. 17º andar, a Agência Rádio, com o fim de proporcionar serviço de notícias e informações, reportagens e artigos¹¹.

Temporariamente em 16 de agosto de 1932, a *Associação de Amadores de Rádio do Ceará* conseguiu licença para transmitir sob o prefixo PRAT. Um ano antes a emissora havia sido instalada, de modo ainda precário, apenas no aguardo do licenciamento

9 CAPARELLI, Sergio. *Op. Cit.*, p. 80.

10 *Idem*, nota 6, p. 32.

11 *Jornal Correio do Ceará*, Fortaleza, Edição de 16 jul. 1931.

oficial que viria a ser concedido através da portaria 415, assinada pelo ministro José Américo de Almeida, no dia 30 de maio de 1934. O jornal *Correio do Ceará* traz a seguintes palavras em sua edição de 18/4/1932:

[...] admirável invenção que é o rádio invadiu já os mais indiferentes campos de actividade do homem Vantagens incontáveis trouxe para o conforto e para progresso da humanidade a espantosa cujas efeitos maravilhosos a geração actual aprecia e sente em toda a sua intensidade. Em consequência do rádio, passam-se hoje, cousas que os artigos supunham incríveis e irrealizáveis. As dificuldades produzidas pelas distancias enormes desapareceram com o portentoso invento, dando lugar á comunicação rápida e eficiente entre os mais longínquos pontos do globo. Os países, hoje em dia, por meio de um simples aparelho, conversam entre si, intensificando e alargando as relações de amizade, comerciantes e culturais, o que, necessariamente é factor de grande importância no seu desenvolvimento e grandeza. O emprego do rádio tem proporcionado melhoramentos preciosos em todos os ramos da actividade humana as suas aplicações crescem consideravelmente, trazendo vantagens e aumentado, de tal sorte, a sua utilidade ainda, 'de modo precário'¹².

Assim, o rádio imprime sua maior característica: a aproximação de culturas, ideias e reforça ainda mais seu carácter político e formador da massa, tornando-se parte do cotidiano do sujeito urbano.

Ao ser emitido o licenciamento, o rádio passa a fazer parte do cotidiano cearense de forma ativa. A portaria afirmava que:

O Ministro de Estado dos Negócios da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que requerem o Ceará Rádio Clube e tendo em vista os

12 *Jornal Correio do Ceará*. Fortaleza. Edição de 18 abr. 1932.

pareceres prestados RESOLVE: aprovar as plantas, orçamento e especificações técnicas que com esta baixam rubricadas pelo Diretor Geral de Expediente, interino, da Secretaria de Estado deste Ministério para a instalação de radiodifusão da referida sociedade, Rio de Janeiro 30 de maio de 1934. [Assinado] José Américo de Almeida¹³.

O transmissor da emissora, nos primeiros anos, tinha a potência de 500 watts. A *Ceará Rádio Clube* tinha sua sede e estúdios na Rua Barão do Rio Branco 1.172, operando o transmissor no bairro Damas, ocupando uma área próxima, onde funcionavam as dependências do late Clube. No dia 28 de agosto de 1934 o *Rádio Clube*, a primeira emissora de rádio do estado foi ao ar¹⁴.

Ainda no início do mesmo ano, aos 15 de janeiro, foi publicado no *Diário Oficial do Estado*, o estatuto do clube que tinha como metas, “promover relações entre os amadores de radiotelegrafia por meio de reuniões, irradiações e serviço de publicidade” e assim “instalar uma estação emissora de onda longa devidamente autorizada pelo Governo”. A emissora depois de inaugurada teve sua sede e estúdios na Rua Barão do Rio Branco, 1172, no centro de Fortaleza, porém seu transmissor operava no bairro Damas. Em 1938, os estúdios foram transferidos para a área próxima às dependências do Ideal Clube. Em 29 de agosto de 1941, a estação recebeu autorização para mudar os estúdios do bairro Damas para o oitavo e nono andar do Edifício Diogo¹⁵. O rádio foi se firmando, acompanhando e estimulando a crescente e rápida urbanização e industrialização das cidades, divididas entre a tradição

13 *Idem*.

14 ALMEIDA FILHO, Edgard Patrício - *A voz do Ceará: comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube entre 1934 e 1948*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza- CE, 2006, p. 40 Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3074>. Acesso em: 17 dez. 2017.

15 *Idem*.

e a modernidade. As elites divertiam-se nas festas fechadas nos clubes sociais, só para associados.

As radionovelas eram uma programação obrigatória para a mesma classe, eram as responsáveis pelos ditames da moda e dos bens de consumo, pelas novidades dos artistas do rádio que entreteniam a sociedade com suas vozes e seu modo de vida. Copiar as grandes estrelas do rádio e manter o público informado sobre esses artistas era a função da *Revista do Rádio* que trazia as informações preciosas para os fãs dessas estrelas radiofônicas como explica Calabre:

Na década de 1940, o setor radiofônico era forte e já bastante profissionalizado. A lógica do trabalho havia sido invertida: os artistas eram de rádio e também trabalhavam em outros setores. Dentro desse novo contexto, em 1948, foi lançada a *Revista do Rádio*. Uma publicação semanal dedicada exclusivamente aos assuntos radiofônicos, com destaque para as reportagens sobre a vida dos astros e estrelas. A revista tinha por prática a cada número escolher quatro ou cinco artistas para realização de matérias mais longas, com uma média de três a quatro páginas, e o restante de publicação era dedicada a colunas fixas de uma ou duas páginas. As reportagens principais eram fartamente ilustradas e nesse caso os textos nunca ultrapassavam o espaço dedicado às imagens. As matérias ora vinham em forma de entrevistas ora em forma de textos corridos¹⁶.

Para os homens, o rádio também proporcionava entretenimento, mas uma outra opção, a oportunidade de acompanhar seus times de futebol, através de boletins esportivos.

16 CALABRE, Lia. A Era do Rádio. Memória e História. *Anais do XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, 2003, p. 3.

No final da década de 1930, o Boletim Esportivo ia ao ar ao meio-dia, pela PRE-9. O programa Boletim Esportivo trazia as novidades sobre o *Foot-Ball*, esporte caracterizado como elitista e praticado, exclusivamente, por homens brancos. Foi nesta década que o esporte alcançou uma grande expansão no que diz respeito à sua prática e aos seus torcedores. Criaram-se, nos subúrbios, times de futebol formados por trabalhadores¹⁷.

Nesta época o rádio era visto como um veículo de verdadeira veneração, estava sempre colocado sobre uma mesa alta, caso o nível social da família fosse um tanto mais elevado, o aparelho ficava ao centro da sala de visita, na sala de jantar. Era indispensável às famílias possuir um rádio, a peça fazia parte da decoração do lar e era um símbolo de *status* social, um artigo de luxo. As famílias e vizinhos reunidos escutavam as programações em silêncio soando apenas a voz do locutor, a quem eles possuíam tamanho respeito e admiração como se fosse um amigo íntimo.

As programações ditavam o ritmo das famílias e dos círculos de amigos que se encontravam para ouvir o rádio juntos. A mídia ganhava espaço entre os ouvintes e marcava presença nos estabelecimentos da cidade proporcionando integração.

[...] só restava, para encomprar a hora de recolher-se à casa, o recurso dos longos papos às mesas de cafés, que os havia, às dezenas, à roda e nas proximidades da Praça do Ferreira. Nesses cafés, de frequência variada, lá estavam os pequenos rádios receptores¹⁸.

17 RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; SILVA, Erotilde Honório. A popularização do Rádio no Ceará na década de 1940. *História da mídia sonora*, 2009, p. 120.

18 CAMPOS, Eduardo. *50 anos de Ceara Rádio Clube: 1934-1984*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará (IOCE). 1984, p. 20.

A programação (apesar do rádio como mobília da casa não ser acessível) de algum modo alcançava todos os segmentos de públicos e, aos poucos, permeava as várias camadas sociais. A *Ceará Rádio Clube* então criou o programa “A Hora do Comerciarío”, programa simples, voltado para os trabalhadores que fechavam seus estabelecimentos no horário de almoço.

Segundo Monica Rector, durante os anos 1930 o rádio se tornou estável e, assim, os ouvintes passaram a escolher suas programações segundo suas predileções, tornando o rádio como um instrumento não só de diversão, mas de identificação. Ouvir as transmissões, as programações faziam parte do cotidiano e era um hábito nos centros urbanos¹⁹.

Assim, o rádio com a linguagem utilizada pelos locutores possuía essencialmente um caráter de teor regional, com expressões próprias conhecidas pelo público local. Esses aspectos tocavam o ouvinte, e ele logo se identificava com as programações porque os conectava a esses aspectos presentes no cotidiano social²⁰.

1.2 A representatividade nas programações das rádios locais.

Muito da história do rádio está ligada à memória dos sujeitos. O enfoque aqui é a busca por essas memórias que contam a história local e remonta o cotidiano desses indivíduos, e por consequência, ilustram a cultura local. O rádio é o amplificador dessa identidade, e a história cultural pode proporcionar uma aborda-

19 RECTOR, Monica. Neiva, Eduardo (org.). Aspectos da estética das telecomunicações. In: *Comunicação na era Pós-moderna*. Rio de Janeiro. Vozes, 1964.

20 RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; SILVA, Erotilde Honório. A popularização do Rádio no Ceará na década de 1940. In: *História da mídia sonora* [recurso eletrônico]: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil / org. Luciano Klöckner, Nair Prata. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 121.

gem desse fenômeno que se alia a expressões culturais e dá aos sujeitos um meio, um amplificador de suas representações.

Não somente os programas esportivos ou noticiários tomavam a atenção dos ouvintes, os programas de música, de cantoria, os de cunho religioso e os noticiários também tinham seu espaço. As músicas ganhavam sua notoriedade pela expressão da cultura e dos sentimentos que se partilhavam entre os que ouviam de acordo com suas preferências. Os programas de cantoria ganharam espaço de modo estratégico na grade de programação das emissoras e fizeram do microfone do rádio seu difusor cultural.

As programações musicais, voltadas para o povo sertanejo, faziam com que o rádio despertasse no ouvinte os sentimentos nostálgicos, paixões, curiosidade, pertencimento. Assim as programações musicais não só divertiam, mas estavam carregadas de identidade e resistência. Trabalha-se aqui a partir da ideia que Thompson traz sobre a resistência à adaptação que as manifestações culturais se submetem ante a modernização. Ele nos ajuda a entender o impacto e a adaptação de manifestações culturais em sua obra *Costumes em Comum*²¹, na qual o historiador analisa as manifestações populares e a construção de costumes tradicionais, além dos fatores que levaram a esses costumes, envolvidos pela ideia de manutenção da tradição, resistiram ao processo de modernização. Thompson explica que a classe plebeia que era excluída do padrão oficial de educação, sustentava sua estabilidade social a partir da tradição oral. Segundo o historiador, a tradição oral está repleta de costume, imagens constituídas²².

21 THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Companhia das Letras, São Paulo, 2008, p. 17.

22 FILGUEIRA, Cícero R. N. A modernização do Repente de Viola e os Impactos na sua Dinâmica. In: X Encontro estadual de história ANPUH: História e contemporaneidade, Petrolina, p. 7-8, 2014. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/35/1395778855_ARQUIVO_ArtigoANPUH2014CiceroFilgueira.pdf. Acesso em: 27 jan. 2019.

Identifica-se esse modo de resistência às mudanças no teor das letras das canções e dos repentes que tratam temáticas que tocam os ouvintes do campo. É notável um sentimento de rebuscamento desse ambiente e das temáticas que o celebram: a figura do vaqueiro, a fé, a geografia do campo e o amor sofrido. Sempre tratando de temáticas que remetem a essa origem rural da cantoria, trazendo à tona um sentimento de saudade em inúmeras poesias produzidas.

A pesquisadora Sulamita Vieira argumenta que a representatividade dos programas de forró, cantoria e de canções regionais não só divulgavam a música, mas tornava público todo um conjunto de imagens que representavam e identificavam o ouvinte com o sertão nordestino, possibilitando que “ao lado do rádio” fosse sendo construída uma ponte entre a cidade e o interior, a vinculação com as coisas do sertão dava-se pela música, pela linguagem, pela representação das figuras e dos costumes²³.

As tradições, as músicas e a identidade estavam ligadas ao rádio e ao povo. Os programas de forró, de cantoria, de esporte e os educacionais estavam aos poucos influenciando a cultura e o social dos ouvintes²⁴.

Assim se compreende também a adaptação da cantoria, vendo no rádio a oportunidade de divulgação poder estabelecer esse paralelo com a realidade descrita por Thompson. Assim, em relação a cantoria de viola, é observável que muitos poetas tiveram o apoio ante as novas dinâmicas de comunicação, sendo os programas de rádio um dos meios de sobrevivência da tradição.

Isso só evidencia o papel do rádio como difusor cultural e meio de comunicação que se relaciona entre o indivíduo e a própria expressão cultural, e isso é extremamente importante para esse con-

23 LOPES, Ibrantina Guedes de Carvalho. Forró e Ai: história e memória nas ondas do rádio. *História da mídia sonora*, 2009, p. 325.

24 RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; SILVA, Erotilde Honório. *Op. cit.*, p. 20.

texto, a sua relação com a oralidade é perceptível. A sua aquisição ao longo dos anos foi se popularizando e permitiu assim maior divulgação dos programas e, claro, da cultura.

O rádio possui um vasto alcance público, a utilização da linguagem oral, o baixo custo da produção (se comparado com a televisão), a facilidade de aquisição de equipamento por parte dos usuários, a portabilidade, até mesmo a possibilidade de se ouvir rádio enquanto se faz outra atividade²⁵.

Como método para montar esse cotidiano ou buscar a aproximação ou compreensão daquilo que o rádio e as programações representam para a história local, recorre-se à história oral, tendo o cuidado de saber o que escrever a partir do que foi coletado em entrevistas. É o que Yara Khoury deixa claro em sua obra *Muitas Memórias, outras Histórias*, na qual as pessoas narram a partir de sua realidade e interpretação desta, constituindo enredos com os fatos de suas experiências. É preciso, portanto, explorar os modos como essas narrativas se abrem dentro dessas realidades sociais²⁶.

Para que a história do rádio em Camocim possa ser compreendida é preciso recorrer à história oral, pois há uma escassez de fontes quando se pretende trabalhar historicamente esse tema. Como a historiografia do rádio também é feita pelas memórias e narrativas daqueles que vivenciaram o surgimento e o desenvolvimento dessas emissoras, são utilizados aqui alguns depoimentos de ouvintes da época e de pessoas que trabalharam nas emissoras.

Conhecer a história política local nas ondas do rádio é mergulhar na memória local e conhecer uma cidade que viveu uma forte influência do rádio não só no campo político, mas no campo cul-

25 LOPES, Ibrantina Guedes de Carvalho. *Op. Cit.*, p. 326.

26 KHOURY, Yara Aun. *Muitas histórias, outras memórias: cultura e o sujeito na história*. FELON, Déa. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2000, p. 125.

tural e econômico. Em Camocim o rádio exerceu forte influência na identidade política dos ouvintes. Não só programações atendiam ao gosto do público, a emissora era uma representação do próprio ouvinte no campo político. Quando tratamos da memória e da identidade local faz-se necessário discuti-la.

Pollack fala que “tanto memória como identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”.²⁷ Tanto a memória como a identidade são passíveis de negociações e não devem ser entendidas como imutáveis. É necessário que se entenda como esses fenômenos se constroem em relação ao “outro”. A alteridade em relação à identidade das rádios locais de Camocim é um ponto fundamental para compreender as práticas do cotidiano e a relação do ouvinte com as emissoras. Assim, o argumento do autor de que esse processo é construído de acordo com interesses diversos é bem compreendido através das entrevistas quando se fala das memórias das emissoras locais e dos afetos ligados a essas, quando se fala na representação da Rádio Pinto Martins e da Rádio União de Camocim.

A memória, segundo Pollack, está ligada diretamente à identidade, assim como a narrativa dos grupos políticos da cidade está ligada à identificação política, além do partidarismo inerente.

Nessa construção de identidade [...] há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou

27 POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados²⁸.

As narrativas são práticas sociais e expressões da experiência vivida que, por meio da oralidade, pode-se compreender e interpretar a realidade da época aqui proposta. Assim, as narrativas aqui trabalhadas e os fatos apresentados constroem um grande quadro de relações em que estão inseridas as emissoras de rádio de Camocim.

O sentimento de pertencimento está em harmonia não apenas com a emoção do indivíduo; assim para o eleitor que se sente pertencente a um grupo está ainda mais voltado para a coerência com seu pensamento. Suas escolhas políticas, culturais, delimitam sua memória, seu grupo e ações. Restaurar ou desbravar a memória de uma comunidade é desenhar as fronteiras culturais e conhecer a partir de um ou mais indivíduos as diferenças e aquilo que os unifica. De acordo com Calabre, “ao partilharem das mesmas fontes de notícias, os indivíduos se sentiram mais integrados, possuindo um repertório de questões comuns a serem discutidas”.²⁹

O sentimento de pertencimento que de alguma forma as programações da rádio difundiam não estava somente atrelado a representatividade política, mas também às músicas. Os estilos regionais como forró, as canções, a cantoria, os repentes tinham programas exclusivos e lugar certo na lista de programações dos ouvintes. Os programas de viola e cantoria³⁰ chegavam às emissoras

28 POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

29 CALABRE, Lia. *Op. Cit.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 09.

30 A cantoria que aqui se refere é a manifestação cultural presente na cultura nordestina. A chamada “cantoria de viola é a arte de improviso em versos cantados, comum no Nordeste desde inícios do século XIX, na qual os violeiros cantam em desafio. É também chamada de repente, e seus artistas são conhecidos como cantadores ou repentistas. Não se confundem com os emboladores, que são também improvisadores, mas que cantam com acompanhamento de pandeiro. Diferentes destes, os cantadores de viola se apresentam em locais previamente demarcados”. In: GOMES, Salatiel Ribeiro. *Vaqueiros e Cantadores: a desaficanizada cantoria*

ras como uma ponte entre o ouvinte e a difusão da tradição. Os anúncios das cantorias de pé-de-parede, os anúncios de festas e pedidos de canções que traziam ao ouvinte da zona rural a oportunidade de ter suas músicas preferidas no ar. As músicas, assim como os programas de viola ou de forró carregavam sim a importância da identidade cultural local.

Na medida em que cantadores se inserem em contextos diversos, suas formas de pensar e fazer a arte, nela e com ela se metamorfoseiam e se manifestam renovadas [...] Neste sentido, se pode pensar em um fluxo constante estabelecido, não só de homens, mas também e principalmente de suas culturas, e no seio destas, da cantoria como manifestação. Interessamos muito particularmente a inserção da cantoria nos contextos urbanos e neles sua introdução em alguns veículos de comunicação, tais como: o rádio (desde os anos 50).³¹

Boa parte das cidades do interior do Ceará presenciaram em seu cotidiano os embalos da viola e das canções de repentistas veiculadas pelas programações específicas para esse público. Segundo o pesquisador Francisco Wilson Raulino, a presença das emissoras na região do Vale do Jaguaribe é de grande importância para a divulgação da cultura popular, em especial os programas de viola e cantoria. Assim para Raulino tamanha é “[...] a importância da presença dessas emissoras radiofônicas na região, pois, estão resgatando as nossas origens, a nossa cultura, respeitando, por conseguinte, o nosso povo, a nossa gente, mantendo viva a cultura popular”³².

sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. *Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos* (encerrada), v. 1, n. 1, 2008, p. 52.

31 DAMASCENO, Francisco José Gomes *et al.* Algumas canções: música, tradição e incorporação do/ao universo urbano contemporâneo de cantadores. XII Encontro Estadual - ANPUH Ceará. 2010. (Encontro), p. 2. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/400579282/001-1-2-Algumas-considera-oes-vers-op-completa-FJGDamasceno>. Acesso em: 14 dez. 2018.

32 RAULINO, Francisco Wilson. *Jaguaribe, o vale das violas*. Morada Nova: s/ed., 1998, p. 224.

Nas cidades da região, as emissoras apresentam programas voltados para a cultura popular, em especial a cantoria. Em Morada Nova havia duas emissoras que tinham programas de viola e cantoria, um na *Rádio Liberal*, o programa de Mario Cena chamado “*Poetas Populares*” e outro na *Rádio Uirapuru*, o “*Viola, Verso e Canção*”. Em Limoeiro, os programas de viola e cantoria eram veiculados tanto pela *Rádio Vale do Jaguaribe* quanto pela *Rádio Educadora Jaguaribana*³³.

Para alguns pesquisadores a chamada urbanização da cantoria e as fronteiras profissionais dos cantadores diante das transformações (de repentistas a radialistas por exemplo) oferece uma imagem consistente das formas, mas com uma nova produção da cantoria, mesmo tendo em mente a ideia de que uma cantoria é uma tradição que “permanece” apesar das mudanças sociais. Há quem defenda que as transformações sociais não causam distúrbios à cantoria³⁴. A presente pesquisa levanta justamente essa problemática, até que ponto as programações das rádios que eram voltadas para essa manifestação cultural influenciaram a dinâmica cultural da cidade e da própria cantoria. Deteremo-nos e exploraremos esse assunto no próximo capítulo, em que os programas de cantoria e a memória coletiva serão o enfoque, para compreendermos como se estabeleceu essa relação do rádio com a cantoria em relação ao cotidiano dos ouvintes.

O fato é que a rádio em Camocim possui forte influência política e cultural, sabendo que a linguagem do rádio possui características específicas que prendem a atenção do ouvinte e assim do eleitor, se o alvo é o discurso político. O ouvinte se identifica e é atraído pelo tom da voz dos locutores, pelas músicas que lhe

33 *Idem*, p. 226.

34 SAUTCHUK, João Miguel Manzóllilo. A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009, p. 17. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/5091>. Acesso em: 23 jan. 2019.

trazem acolhimento e pelo senso de pertencimento daquela comunidade. Assim, o contato entre ouvinte e rádio é possível pelos detalhes que permeiam a própria linguagem do rádio. A identificação do próprio ouvinte e seu cotidiano.

O discurso radiofônico possui frases curtas, diretas e linguagem cotidiana para garantir a compreensão das mensagens transmitidas. As características da voz como entonação, tom, sotaque, ênfase, rapidez, humor ironia, exclamação, firmeza, formalidade reforçam o conteúdo da mensagem e contribuem para que a comunicação se dê de forma rápida e eficiente³⁵.

A atenção do ouvinte é capturada rapidamente quando tratando de temas relacionados à vida cotidiana. As programações despertam o interesse com consistência de ideias que podem ser analisadas e debatidas favorecendo assim a formação de novas ideias, novas propostas e novas mudanças e se possível (para o grupo político que está divulgando) a permanência de algumas ideias.

1.3. As emissoras de rádio em Camocim: das amplificadoras às ondas AM e a questão política.

A partir das décadas de 1980 e 1990, a rapidez do desenvolvimento tecnológico radiofônico levaria à possibilidade da transmissão via satélite, a novas ondas do rádio, oportunizando a formação de novas emissoras e novas modalidades. Mas o caráter político do rádio nunca deixou de se renovar.

A utilização e a instrumentalização das emissoras de rádio durante a década de 1980 e 1990 sejam elas locais ou mundiais,

35 DELAVECHIA, Jurema Gonçalves da Silva. *O rádio como agente cultural e educativo*. Cap. 3. Universidade federal do Rio Grande do Sul.-CINTED/UFRGS 2012, p. 23. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95758/000914792.pdf?sequence=1&iAllowed=y>. Acesso em: 17 dez. 2018.

nada mais é que fruto de uma utilização histórica do rádio como instrumento de reprodução ideológica desde o surgimento dessa tecnologia como meio de comunicação de massa. Os grupos políticos de Camocim utilizaram do alcance e da popularização desse meio de comunicação para manterem seus domínios ideológicos sobre a população.

Aos poucos com o aprimoramento dos sistemas radiofônicos as cidades do interior do Brasil passam a ter suas rotinas mudadas com a chegada dos aparelhos e das programações. Antes de existir o rádio no sistema AM (Amplitude Modulada), existiam as amplificadoras que se utilizavam do serviço de alto-falantes. Em Camocim, cidade do interior do Ceará, localizada no litoral oeste do estado do Ceará, a 347 km de Fortaleza, conhecida por belas praias e pela sua importância econômica e cultural dentro do estado do Ceará, teve seu cotidiano e produção cultural marcado pelo som do apito do trem e dos navios que ancoravam em seu porto, mas também influenciado fortemente pelas ondas sonoras das amplificadoras durante a década de 1940³⁶.

A *Amplificadora Pinto Martins* foi a pioneira neste sistema na região, inaugurada em 20 de setembro de 1941, tendo como proprietário o Sr. Francisco das Chagas Vasconcelos. A amplificadora possuía dois alto-falantes instalados na praça Pinto Martins, bem ao lado do Mercado Municipal de Camocim. Em pouco tempo outras amplificadoras surgiram na cidade, como a amplificadora *Camocim Clube* e *A Voz de Camocim*³⁷. Durante este período, a Amplificadora Pinto Martins, serviu na divulgação de músicas, de eventos de lazer, publicidade de todo tipo e, principalmente, na utilização das ondas sonoras para apologia partidária.

36 NASCIMENTO, Carlos Manuel. *A cidade nas ondas do rádio*. Memórias e Histórias dos Serviços de Alto-Falantes de Camocim. Capítulo III. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 2009, p. 10.

37 *Idem*, p. 27-40.

Nas eleições, os partidos locais recorriam ao alcance da Amplificadora Pinto Martins para fazerem seus comícios e reuniões e utilizavam os microfones para divulgarem seus trabalhos na calçada e na praça com o apoio da amplificadora, seja qual fosse o candidato, desde que pagasse a quantia correspondente ao horário de utilização.

Foi em um desses comícios veiculados pela Amplificadora Pinto Martins que se deu o motivo da divisão política entre duas famílias influentes de Camocim que já faziam parte da história política de Camocim: a família Coelho e a família Aguiar. De um lado representada pelo comerciante e político Alfredo Othon Coelho, família Coelho e seus aliados identificados pelos opositores como “Fundo Molé”, e a família Aguiar representado na figura de Murilo Rocha Aguiar (também comerciante e político) juntamente com seus aliados que passaram a ser chamados pelos adversários de “Cara Preta”. Em 1950 durante a campanha eleitoral para prefeito aconteceu o rompimento político entre essas duas famílias importantes em Camocim que marcaria fortemente o jeito de se viver a política na cidade. O Sr. Orion Menezes, em entrevista ao historiador Carlos Manuel do Nascimento em seu trabalho sobre as amplificadoras em Camocim relata em sua fala como se deu o rompimento entre as duas famílias e na sequência como se desenrolou a campanha eleitoral daquele ano. Eis o relato:

A disputa política foi o seguinte, isso eu sei contar bem *diretítm*: o Alfredo Coelho era compadre do Murilo Aguiar, [...] eles eram muito amigos, todos dois comerciantes do alto comércio aqui de Camocim, Alfredo Othon Coelho e Murilo Rocha Aguiar, já veio do Vicente Aguiar que começou o comércio. [...] aí veio a política, o Alfredo Coelho era da UDN e o Murilo do PSD, aí eu sei que o Murilo ficou arrepiado com o compadre que era o Alfredo Coelho, aí o Alfredo lançou a candidatura de João

Colares Filho pra prefeito de Camocim. [...]. Pois bom, aí o resultado foi que eu estava lá no comício quando o Sr. Murilo foi falar, aí eles não deixaram o Murilo Aguiar falar, eles tomaram o microfone; aí quando botaram pro João Colares Filho, o Pascoal puxou pelo canivete e cortou o fio do microfone, foi uma confusão danada e o povo estava era aí, com a língua horrível, né? Aí o resultado, o Murilo Aguiar disse: “quem for do meu lado me acompanhe até a praça”, hoje a Praça da Estação; aí menino, ficou pouca gente lá no palanque do Alfredo Coelho, pouca gente; a multidãozona acompanhou o Murilo Aguiar. Começou a partida política dele desde esse tempo. Aí o Murilo Aguiar disse: “vou lançar um candidato, o Vaqueiro da Esperança, Setembrino Veras”. Ele estava lá nas Amarelas, no terreno dele lá, ele vivia mais no interior. [...] O Murilo Aguiar lançou a candidatura dele, quando foi no outro dia o Setembrino entrou aqui no carro, foi foguete, às sete horas da noite. Vaqueiro da Esperança, botaram o apelido dele, aí o Setembrino ganhou a prefeitura, aí meteu o pau no outro candidato, ajeitou a cidade, aí começou a intriga do Alfredo Coelho com o Murilo Aguiar. Foi o rompimento³⁸.

Com o desentendimento entre as duas famílias, o cenário político da cidade tomava novas nuances, nasciam a partir dali uma rivalidade política que se perpetuaria por anos, alternando o poder executivo da cidade entre os dois grupos. Os que simpatizavam com os Fundo Moles passaram a defender com unhas e dentes seus posicionamentos, os eleitores rivalizavam entre si, seguidores dos Cara Pretas não falavam com os Fundo Moles. A separação política citada acima proporcionou o surgimento da Amplificadora a Voz de Camocim, por volta do ano de 1950. O líder político Murilo Aguiar trouxe à cidade o mais moderno e or-

38 Entrevista com o Sr. Orion Menezes, funcionário público aposentado, 73 anos, realizado em 04/03/2008, em sua residência, situado à Rua José Maria Veras, nº. 30, Camocim-Ceará. In: NASCIMENTO, Carlos Manuel. *Op. Cit.*, p. 37.

ganizado serviço de alto-falantes. Para competir, após oito anos, o líder político rival Alfredo Coelho inaugurou no dia 1º de janeiro de 1958 o *Sonoro Pinto Martins* que fazia concorrência não apenas nas ondas sonoras radiofônicas, mas também na disputa política. Na imagem abaixo a fachada da Rádio União de Camocim, em frente a mesma praça para qual ele levou seus adeptos no dia em que se desligou de sua amizade com Alfredo Coelho.

Figura 1: Ao fundo, fachada da Rádio União de Camocim. S/D.



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Monteiro.

A partir dos anos de 1980 os serviços de alto-falantes foram dando espaços às ondas de médio alcance, e as amplificadoras que a população conhecia passaram a ser emissoras de Rádio AM. Como ressalta Nascimento em sua pesquisa, as rádios apenas continuaram no mesmo ideal que as amplificadoras, mas agora em ondas de médio alcance.

As emergentes rádios entram no ar com os mesmos interesses políticos e ideológicos das antigas amplificadoras. O *Sonoro Pinto Martins* de propriedade do Sr. Alfredo Coelho, transformou-se

na Rádio Pinto Martins, já a amplificadora A voz de Camocim, do líder político Murilo Aguiar, tornou-se a Rádio União de Camocim³⁹.

Desde o surgimento das amplificadoras até a década de 1980 com a consolidação das emissoras de rádio AM pelos grupos políticos antagônicos da cidade, percebe-se forte influência e presença desse instrumento sonoro, que irradiava não só o discurso político, mas a comunicação e a cultura, especialmente musical.

Vale lembrar que as ondas de frequência modulada (FM) já existiam e não surgiram de uma hora para a outra. Pelo contrário, as ondas de amplitude modulada (AM) fazem parte da trajetória e do desenvolvimento do rádio. É preciso levar em conta que pelo menos até o advento da Frequência Modulada (FM) no início da década de 1990, no Brasil a trajetória do AM é a própria história do rádio no Brasil⁴⁰.

O que se nota ao longo da história do rádio em Camocim e no Brasil não é apenas seu caráter fortemente político, mas sua grande influência no cotidiano dos ouvintes brasileiros, cearenses e camocinenses, de forma cultural e social. A cada geração uma nova perspectiva de encarar o rádio como meio de comunicação de massa que traz à comunidade local os diálogos essenciais do cotidiano: política, cultura, economia e as notícias que estreitam os laços e as regiões.

O rádio foi se tornando verdadeiro mediador entre locutores e público, entre grupos políticos e eleitores, artistas e fãs: “O rádio é, pois, o responsável pela formação de verdadeiras redes nacionais de ouvintes denominadas genericamente e de modo particular de fãs”⁴¹.

39 NASCIMENTO, Carlos Manuel. *Op. Cit.*, p. 60.

40 FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. *Rádio-Leituras*, v. 8, n. 2, 2017, p. 2.

41 VIEIRA, Sulamita. *O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural*. São Paulo: Anablume, 2000, p. 52.

A história das emissoras de rádio AM de Camocim constitui-se de todos esses detalhes tão particulares da história da radiodifusão. Seja o uso da política, da música, da cultura, do esporte, e a própria imprensa em si, o rádio se constitui de pedaços do cotidiano e da história da própria cidade de Camocim.

CAPÍTULO 2

O OUVINTE ELEITOR TEM A PREFERÊNCIA: POLÍTICA, CULTURA E COMÉRCIO.

2.1 Ondas políticas em frequência AM.

Como já foi dito, as amplificadoras, mediante o serviço de alto-falantes, marcaram presença no cotidiano da população até início da década de 1980, anunciando programações culturais na cidade e músicas. Posteriormente essas amplificadoras deram lugar às emissoras de rádio com frequência AM¹ e as duas principais amplificadoras, *Sonoro Pinto Martins* e *A Voz de Camocim*, tornaram-se, respectivamente, *Rádio Pinto Martins* e *Rádio União de Camocim*.

Sob a direção de Alfredo Othon Coelho a *Rádio Pinto Martins*, 1450 AM, foi inaugurada no dia 19 de dezembro de 1981, funcionando na praça Pinto Martins. Na placa de inauguração da emissora faz-se homenagem ao nome do filho ilustre de Camocim, o aviador Pinto Martins².

1 As faixas AM (Amplitude Modulada) são as responsáveis por modular os sinais de radio-frequência. A diferença se caracteriza basicamente pela técnica de produção e estética de programação.

2 Fotografia atual da placa de inauguração da emissora Pinto Martins, a placa está fixada na parede do corredor de entrada no prédio da emissora.

Figura 2: Placa de inauguração da Rádio Pinto Martins (Ano da foto: 2017).



Foto: Arquivo pessoal da autora.

Após dois anos da comemoração do centenário da cidade, a emissora foi inaugurada durante o mandato do prefeito Edilson Veras Coelho. Abaixo a concessão para funcionamento da *Rádio Pinto Martins AM*, um ano antes de sua inauguração.

DECRETO Nº 84.968, DE 28 DE JULHO DE 1980.

Outorga concessão à RÁDIO PINTO MARTINS LTDA., para estabelecer uma estação de Radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o art.81, item III, combinado com o artigo 8º, item XV, letra “a”, da Constituição, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 15.306/78 (Edital nº 99/78),

DECRETA:

Art. 1º Fica outorgada concessão à RÁDIO PINTO MARTINS LTDA., nos termos do artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado

pelo Decreto número 52.795, de 31 de outubro de 1963, para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.

Parágrafo único. O contrato decorrente desta concessão obedecerá às cláusulas baixadas com o presente e deverá ser assinado dentro de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação deste Decreto no *Diário Oficial* da União, sob pena de se tornar nulo, de pleno direito, o ato de outorga.

Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Brasília, 28 de julho de 1980; 159º da Independência e 92º da República.

JOÃO FIGUEIREDO H.C. Mattos³.

Não demorou muito para que o grupo da família Aguiar, os Cara Pretas, conseguissem também sua concessão, com a *Rádio União de Camocim 820 AM*, com sede na rua Dr. João Thomé, de frente à praça Vicente Aguiar, a Praça da Estação, mesmo local que Murilo Aguiar havia levado seus seguidores após o desentendimento anos atrás. Assim, no mesmo ano de inauguração da *Rádio Pinto Martins*, a emissora *Rádio União de Camocim* conseguia sua concessão para entrar no ar, sendo posteriormente inaugurada no dia 14 de outubro de 1982.

DECRETO Nº 86.168, DE 29 DE JUNHO DE 1981

Outorga concessão à RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM LTDA., para estabelecer uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, combinado com o artigo 8º, item XV, letra "a", da

³ SITE DO SENADO FEDERAL. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decreto/1980-1987/decreto-84968-28-julho-1980-434453-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 mar. 2018.

Constituição, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 11.477/80 (Edital nº 33/80),

DECRETA:

Art. 1º - Fica outorgada concessão à RÁDIO UNIÃO DE CAMOCIM LTDA., nos termos do artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito regional, na cidade de Camocim, Estado do Ceará.

Parágrafo único - O contrato decorrente desta concessão obedecerá às cláusulas baixadas com o presente e deverá ser assinado dentro de 60 (sessenta) dias, a contar da publicação deste decreto no *Diário Oficial* da União, sob pena de se tornar nulo, de pleno direito, o ato de outorga.

Art. 2º - Este decreto entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Brasília, DF, 29 de junho de 1981; 160º da Independência e 93º da República.

JOÃO FIGUEIREDO⁴.

As concessões de rádio durante o período da Ditadura ajudaram ao Regime Militar na propagação ideológica, mas essas concessões eram regidas por seus ditames onde se procuravam coibir as condutas tidas como abusivas no exercício da liberdade de radiodifusão. Hoje, por lei, é proibida a utilização das emissoras para fins político-partidários, mas o que se observa é que as emissoras de rádio, até hoje, em sua maioria, pertencem a grupos políticos. A história radiofônica de Camocim está vinculada com a política como tantas outras cidades do Brasil.

O rádio teve uma importância muito grande no contexto do Regime Militar, vários momentos históricos foram transmitidos por esse meio de comunicação, a ditadura se utilizou dele para

⁴ SITE DO SENADO FEDERAL. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-86168-29-junho-1981-435547-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 mar. 2018.

veicular programas oficiais e propagandas, e a resistência contra a ditadura também passou pelas ondas radiofônicas. No início da década de 1980, o rádio ainda era parte fundamental do cotidiano da população brasileira. O “radinho de pilha” era um companheiro inseparável dos trabalhadores mais pobres, não só no local de trabalho, mas também no caminho de volta para casa, nas primeiras horas da manhã, ou na solidão dos dormitórios.

Eram os aparelhos de rádio que faziam a população rural ficar informada do que estava acontecendo na cidade. Os programas retratavam as mudanças políticas locais, tocavam as músicas de sucesso da época, anunciavam as promoções e os produtos das lojas e divulgavam o nome dos comerciantes da cidade. Os programas de forró e as vozes dos locutores se misturavam às emoções dos ouvintes. O rádio ia além da aparelhagem política. Porém, o momento em que as emissoras AM passaram a se desenvolver era um momento de tensão e enfraquecimento da Ditadura Militar, mesmo essa ainda exercendo grande influência na imprensa e nos grupos políticos locais.

Nos últimos anos da Ditadura, Camocim passava por mudanças do cenário político: dois grupos revezavam-se no poder executivo. Nas eleições de 15 de novembro de 1982 tem-se a primeira mulher eleita para ocupar o cargo executivo da cidade: Ana Maria Beviláqua Moreira Veras, do PDS-1 (Partido Democrático Social), aliada do grupo *Fundo Mole*, com 8.237 votos que a fizeram ganhar de seu adversário, Libório Gomes da Silva do partido PDS-2, candidato pelo grupo dos *Cara Pretas* que recebeu 8.066 votos. Naquele mesmo ano, os eleitores cearenses escolheram seus vereadores, governador, senador e os deputados federais e estaduais. O PDS também elegeu seus respectivos candidatos a governador

e senador, Luís Gonzaga da Fonseca Mota e Virgílio de Moraes Fernandes Távora, respectivamente⁵.

O mandato da prefeita eleita, Ana Maria Veras, era voltado para uma assistência social, cultural e turismo. A cultura popular era utilizada como forte atração turística. Esse fato não destoava da postura econômica da Ditadura, pois é preciso lembrar que “o governo federal passou a considerar como atividade turística toda e qualquer iniciativa, fosse do setor público ou privado, que tivesse reconhecido interesse no desenvolvimento econômico do país”.⁶ A década de 1970 ficou marcada pela forte exploração do folclore, das tradições, mas não com o objetivo principal da economia, mas pela valorização da própria cultura, porém o turismo, nos meados dos anos 1970, aponta como uma “salvação econômica” para as cidades do Ceará e da própria cultura local.

O folclore e o artesanato merecem atenção especial não porque são importantes para a constituição da identidade, como pensavam os estudiosos da cultura popular, e sim porque poderiam resultar em benefícios para a atividade turística. No entanto, percebe-se que o valor atribuído não é apenas o econômico, mas o cultural também, na medida em que a promoção da cultura popular também poderia ser um meio de afirmação intelectual do Ceará⁷.

A década de 1980, assim, continua a ter a forte presença dessa política econômica voltada para o turismo que se utiliza da cultura popular para atrair visitantes e capitais para as cidades, com atividades mais fortes nas cidades do sertão e do litoral, com sím-

5 SITE DO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO CEARÁ. Disponível em: <http://www.tre-ce.jus.br/eleicao/resultados>. Acesso em: 03 dez. 2019.

6 OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. *O turismo e a resignificação da cultura popular cearense (1970-1980)*. In: XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH. Natal. 2013. (Simpósio), p. 4. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1361824563_ARQUIVO_ArtigoCompleto.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.

7 *Idem*, p. 2.

bolos regionais do litoral e do sertão a serem trabalhados para atrair os turistas. O Ceará, pode-se dizer, que não seria somente o jangadeiro do litoral, nem só o vaqueiro do sertão, mas a junção desses. Essa era a estratégia turística-cultural que “apesar de emergir essa nova imagem do Ceará associada ao litoral, os vínculos com o sertão e tudo aquilo que o representa não são descartados, pelo contrário, são incorporados à lógica mercantil”.⁸

A prefeita Ana Maria não estava, por assim dizer, criando uma nova perspectiva econômica na cidade, mas estava seguindo um novo olhar econômico baseado na cultura, um olhar que já vinha sendo desenvolvido em outras regiões. Naquele momento, o litoral camocinense receberia investimentos não somente na pesca, no comércio, mas na cultura, nas músicas, nos artistas, nas danças e no artesanato como produto turístico e econômico.

É como agente difusor desse turismo e dessa cultura que a rádio entra em cena. Agora sobre ondas que podiam alcançar cidades vizinhas, se aposta nas emissoras e nos que trabalham nessas para que a cultura local ganhe visibilidade. As emissoras de rádio, apesar de seu caráter intrinsecamente político, não se limitaram a isso, o uso delas como meio de difusão cultural se ressaltou e pode ser comprovado na cidade de Camocim. A necessidade dos grupos políticos de mostrarem a seus eleitores que suas emissoras atendiam a seus gostos, à economia, ao povo e à cultura.

2.2. “Violas da minha praia”: memória, rádio e cultura

Para tratar da história do rádio e das expressões culturais que se ligaram a ele é necessário mergulhar nas fontes orais e entender o passado a partir da memória coletiva, em que as lembranças desse passado e das emoções que são inerentes a esse estão re-

8 *Idem*, p. 11.

pousadas. Portanto, o objeto aqui torna-se a memória a respeito do relacionamento entre rádio e cantoria. Ora, a memória é um objeto da história, como diz Le Goff:

Ainda sobre esse assunto devemos distinguir: o objeto da história é bem este sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica e nomeadamente da sua maneira de reagir perante seu passado⁹.

Um dos aspectos que está ligado à memória coletiva é a oralidade, e aqui não falo apenas do método que se aplica para chegar a entender essa memória, mas sim a uma das características da qual essa memória se constitui. Le Goff nos explica que a memória coletiva vai além da escrita e que os elementos e sujeitos ligados à oralidade montam e remontam a memória, em um processo de memorização que se estabelece através da sonoridade da fala ou mesmo do canto do trovador.

Durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade continua ao lado da escrita e a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval. Tal é particularmente verdadeiro para os séculos XI e XII e para a canção de gesta que não só faz apelo a processos de memorização por parte do trovador (troubadour) e do jogral, como por parte dos ouvintes, mas que se integra na memória coletiva como bem o viu Paul Zunthor a propósito do “herói” épico: “O herói não existe senão no canto, mas não deixa de existir também na memória coletiva, na qual participam os homens, poeta e público”.¹⁰

9 LE GOFF, Jacques *et al.* *História e memória*. 4. ed. São Paulo. Editora UNICAMP, 1996, p. 49.

10 *Idem*, p. 187.

A oralidade própria do caráter da rádio e da cantoria fazem parte desse processo de memorização, ou de se fazer memória coletiva a partir de práticas do cotidiano, outra característica forte tanto do rádio quanto da cantoria. O rádio acompanha o cotidiano, a cantoria fala sobre ele. Logo, a memória coletiva reconstruída por essa pesquisa se trata da reconstituição dessa memória a partir de dois elementos ligados ao cotidiano do ouvinte que geram as memórias de um passado.

Toda essa memória está ligada a um elemento básico que não pode ser esquecido, em que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”¹¹. Assim aborda-se aqui a cantoria, entrelaçando sua oralidade própria e sobre o cotidiano, a uma memória reconstruída por ela enquanto constituída por essa.

A história das duas emissoras da cidade de Camocim está diretamente ligada ao sentido de identidade política, da mesma forma que as memórias dos programas de cantoria e forró estão ligados ao sentido de identidade cultural. Faz-se necessário compreender, portanto, como dois elementos do cotidiano, rádio e cantoria se relacionaram e como isso se evidencia na memória daqueles que desfrutavam de sua influência.

Os programas de cantoria estavam presentes nas duas emissoras de Camocim durante toda a década de 1980, trazendo a população tanto urbana quanto rural para as canções, o forró e os repentes, tornando-se assim presentes no cotidiano dos ouvintes. A relação entre o meio de comunicação e a cantoria é um fenômeno que já vinha se apresentando na região Nordeste. O fenômeno pode ser explicado da seguinte forma: desde a década de 1930, quando o rádio começou a se popularizar, e o chamado anos

11 LE GOFF, *Op. Cit.*, p. 476.

dourados da década de 1950, quando o rádio se consolidou como elemento presente no cotidiano da sociedade brasileira, pôde-se perceber a forte influência do meio de comunicação como agente difusor de músicas regionais e da cultura local¹². Assim, no início da década de 1980, os estilos musicais de cada região estavam presentes nas pequenas emissoras espalhadas por todo país. As cidades do interior agora podiam tocar e ouvir suas músicas e seus artistas preferidos na frequência mais próxima e no seu rádio.

Nesse processo de transição do campo para cidade, a própria cultura urbana, ou melhor, as culturas populares urbanas são, por assim dizer, influenciadas por essas manifestações típicas do rural, a ponto de ser difícil falar em cultura urbana ou cultura rural, sem antes imaginarmos essas como constituídas em intenso processo de múltiplas interferências. É assim que os cantadores se incorporam e transformam esse novo contexto no qual se inserem mesmo antes do período supracitado como coloca Cascu-do (1984) ao dizer que a partir de 1920, se deu um maior reconhecimento e uma certa urbanização da cantoria e do cantador, que passou a ser “assediado” por intelectuais como ele próprio¹³.

A cantoria com espaço em um programa de rádio traria ao ouvinte a ponte entre o seu cotidiano e a música que o embala. Sua performance se dá a partir desse imaginário, da memória coletiva dos que pertencem a esse meio social e enxergam, na melodia e na toada da viola, suas vidas e seu olhar representado em verso e canção.

A performance está situada a um tempo de dois ou mais espaços distintos, contextos distintos. Ela

12 RÊGO, Leylane Michelle Vieira; AGUIAR, Virgínia Bárbara. Música, Cultura e Informação: preservação do acervo musical alagoano. *Biblionline*, v. 2, n. 2, 2006, p. 4.

13 DAMASCENO, Francisco José Gomes *et al.* Algumas canções: música, tradição e incorporação do/ao universo urbano contemporâneo de cantadores. XII Encontro Estadual - ANPUH Ceará. 2010. (Encontro), p. 3. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/400579282/001-1-2-Algumas-considera-oes-vers-op-completa-FJGDamasceno> Acesso em: 14 dez. 2018

se encontra, por assim dizer, fazendo a intersecção entre mundos, entre o real e o imaginário, entre o rural e o urbano, entre sujeitos de mundos e temporalidades distintas e nem sempre próximas, entre o tradicional e o moderno¹⁴.

E essa seria a força da performance e da relação entre o rádio e a cantoria, seguindo a ideia de Zunthor e aplicando a essa força que tem a performance da própria cantoria, inverte-se e cria-se um laço entre cantadores, apologistas e público, entre diferentes sujeitos de contextos sociais e históricos, entre experiências e memórias distintas, que no momento da cantoria ou da audição da cantoria, se estabelecem em sintonia fina, pelas ondas do rádio¹⁵.

Como citado antes, a política econômica voltada para símbolos regionais e uma cultura que visava a atração turística, fez desse momento o campo propício para se investir nos programas de cantoria. Baseando-se em uma política de turismo cultural, durante os seis anos de mandato de Ana Maria, os grupos políticos utilizaram-se da rádio e dos radialistas para colocar em ação projetos culturais como festivais de música e o festival de violeiros. As emissoras de rádio tornaram-se veículos para uma expressão cultural sertaneja, que vinha sendo difundida e apreciada dentre os ouvintes da rádio. Acompanhadas pelo forró, as canções, os repentistas e as divulgações de cantorias ganhavam espaço nas programações e no cotidiano do ouvinte cadeira cativa.

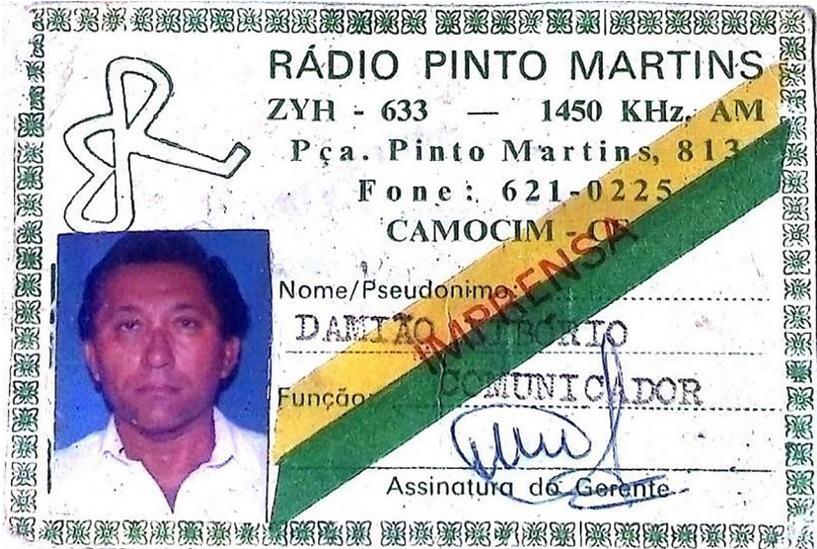
Nesse período, muitos repentistas se tornaram radialistas e utilizaram os microfones para divulgarem seus trabalhos e a cultura popular, suas canções, repentistas e promovendo a divulgação de cantorias que aconteciam pela região. Um dos repentistas violei-

14 *Idem*, p. 9.

15 ZUNTHOR, Paul. *Performance, percepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Ferri. São Paulo: EDUC, p. 36-37, 2000.

ros que assumiu a carreira de locutor e comunicador foi Damião de Sousa Mesquita, conhecido por Damião Libório¹⁶.

Figura 3: Carteira de identificação da imprensa da Radio Pinto Martins do portador Damião Libório, repentista e comunicador.



Fonte: acervo pessoal da Senhora Maria José Alves.

Alguns dos repentistas entravam em cursos para serem radialistas, para terem conhecimento de técnicas tanto vocais quanto dos instrumentos da nova profissão. Após o curso, recebiam um certificado que garantia sua experiência e os tornavam aptos para a função. Como destacada na imagem anterior, eles passavam a fazer parte da comunicação e da imprensa. Sua esposa, Maria José Alves de Sousa Mesquita, em entrevista, fala de como o repentista entrou para o ramo radiofônico e sua chegada na Rádio Pinto Martins, no início da década de 1980.

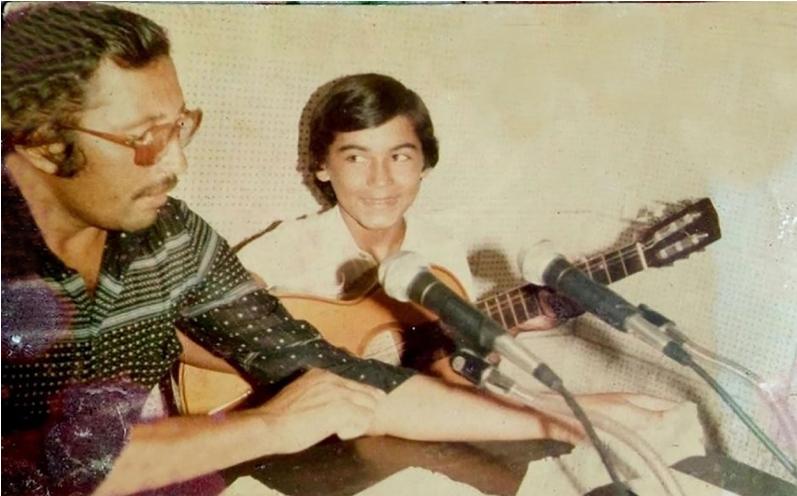
Ele trabalhava na Rádio Pinto Martins e, quando eu vim pra cá, eu tinha vinte e três anos, em oitenta e três. Ele morava aqui já há uns dois anos, assim que foi fundada a rádio, foi inaugurada aí

¹⁶ No período em que essa pesquisa foi iniciada o senhor Damião Libório já havia falecido, a entrevista e os dados aqui descritos são fornecidos por sua esposa, a viúva Maria José Alves de Sousa Mesquita.

ele começou a trabalhar num programa alugado *né*, programa de viola mesmo. Na época ele trabalhava só com programa de viola, de cantoria, mas antes ele já tinha outros. *Tinha tido* outros cantadores que fizeram programa no início na abertura da rádio, o Raimundo Morais e o João Faustino. Eles começaram com um, fazendo os programas lá, aí depois quando a União foi *pro* ar é que eles se mudaram *pra* lá. Ai quando o Damião chegou ficou fazendo o programa, Violas da minha praia¹⁷.

Segundo a senhora Maria José, seu esposo Damião Libório trazia para a rádio alguns cantadores e alguns aspirantes a repentistas, e dava a oportunidade para alguns violeiros e repentistas da região. Alguns que chegaram a ter nome reconhecido nacionalmente, seja por sua voz, seja por suas composições. Na foto abaixo vê-se o repentista Damião Libório e o compositor e poeta Nonato Costa, ainda jovem, no programa “Violas da Minha Praia” na *Rádio Pinto Martins* no ano de 1984.

Figura 4: A esquerda está o repentista Damião Libório e ao seu lado o garoto Nonato Costa, apresentando como revelação no repente.



Fonte: Acervo pessoal de Maria José Alves.

17 Sra. Maria José Alves de Sousa Mesquita, 61 anos. Entrevista realizada pela autora no dia 01 de maio de 2017, em sua residência, situada a Travessa Tiradentes, 22, Centro. Camocim-CE.

Sobre o conteúdo do programa, as canções e a relação com os ouvintes, Maria José Alves diz que havia muitos pedidos vindos da região rural de Camocim e de outras cidades vizinhas, e de ouvintes da cidade que gostavam de cantoria e, por vezes, pediam para que aqueles repentistas que estavam na cidade fizessem uma cantoria em suas casas.

E, aí, muitos cantadores participaram do programa. O Chiquinho falou que não sabia mais ou menos o nome, mas quem iniciou, é... Zé Maria Bandeira, né, o velho Zé Maria Bandeira, e o João Ribeiro também lá da cidade de Granja[...] Aí recebendo os pedidos, era muita canção. As canções que eles faziam *né?* Eu *tô* esquecida dos nomes, mas tem um bocado de canção. Tal qual pediam uma música *né*, de um cantor, aí eles tinham. O povo do interior tinha uma memória muito boa, sabiam tudinho os nomes das canções, é... eu sabia também, mas agora *tô* esquecida dos nomes mesmo tudinho, de cada um, como era que era? Tinha uma canção muito bonita que o Damião gostava de cantar, a Flor do Mucambo, isso aí era muito pedida, a Flor do Mucambo. Aí tinha as vaquejadas que os vaqueiros pediam. Na vaquejada tinha vaqueiro, gado e mulher, era só o que o pessoal gostava. O Pinto Preto do Oriente, isso aí era as canções. Era no repente e na viola, poemas. Ouvintes? Vinham muitos onde ele cantava lá. Eles vinham na época do inverno traziam milho, feijão, alguns pescadores traziam peixe. Às vezes, o Damião chegava na rádio de manhã, aí eles chegavam levando coisas, e vindo do interior! Era muita coisa que a gente recebia, ele vinha pra casa *arrudiado* de coisa.¹⁸

Entre os repentes e canções pedidas estavam também os forrós pé-de-serra, os grandes sucessos de Luiz Gonzaga, Flávio José e Trio Nordestino. Alguns ouvintes escreviam para o programa pedindo suas canções favoritas. As canções e até mesmo o forró fala-

18 Maria José Alves de Sousa Mesquita. Entrevista já citada.

vam do cotidiano do sertanejo. Com o acesso a algumas gravações em fitas K7 do programa de Damião Libório, pode-se ouvir partes da atração, alguns anúncios, pedidos de ouvintes e canções que ele cantava durante o programa. Pela dificuldade de se compreender o áudio não se pode ter acesso a todas as músicas do programa, apenas a uma boa parte das músicas tocadas e outras cantadas pelo próprio repentista.

Algumas canções contidas nas gravações das fitas K7 confirmam os nomes das canções citadas na entrevista acima, dentre os repentes havia Pinto Preto do Oriente. Esse repente fala do cotidiano do vaqueiro, dos desafios dessa vida e sempre do imaginário do boi difícil de lidar, que põe o vaqueiro como esse herói do sertão. Na história, o protagonista é um moço que decide pegar o boi, cujo nome é Pinto Preto do Oriente. Segue-se um trecho abaixo:

Esse touro se chamava
Pinto Preto do Oriente,
Pretinho da cauda branca
Mas brabo como serpente,
Se criou dentro dos matos
Sem conhecer um vivente.

E reuniu-se os vaqueiros
A fim de pegar o touro,
Todos disseram: - eu não vou
Nem pra ganhar um tesouro,
Pedrinho disse: - eu vou só
Montado em flecha de ouro.

Pinto Preto do Oriente é uma sextilha, ou seja, suas estrofes possuem seis versos, nota-se também a separação silábica poética do verso em 7 sílabas, onde as estrofes obedecem à rima A B C B D B. Percebe-se que o final da estrofe anterior rima com o início da seguinte. Segundo Ramalho, uma das características de um bom cantador é ir além dessas normas, pois mais vale a qualidade poética do conteúdo declamado do que a rigidez das normas. Es-

tas funcionam apenas como um roteiro, mas o bom poeta deverá superá-las”¹⁹.

Enquanto na *Rádio Pinto Martins* havia o programa “Violas da Minha Praia”, de Damião Libório, havia o programa de viola e cantoria com outro repentista na *Rádio União*. Era João Faustino que, mesmo sendo colega de Damião Libório na cantoria e na vida, fazia concorrência com seu programa. João Faustino havia começado na *Rádio Pinto Martins*, mas por preferência política resolveu trabalhar na *Rádio União*.

Muitos dos que passaram pela rádio, seja como cantadores convidados ou como locutores, percebiam que a rádio os lançava no colo da sociedade camocinense. O apoio político aliado ao alcance das ondas do rádio fazia com que novas ideias culturais pudessem ser possíveis de se experimentar.

Em entrevista, o cantador repentista, Sr. João Batista Sobrinho, conta que junto com outros cantadores e radialistas e com o apoio da Prefeitura Municipal de Camocim, desenvolveram um evento para repentistas e violeiros que, mais tarde, se tornaria o *Festival de Violeiros de Camocim*.

[...] em junho de 82, de 1982, eu cheguei aqui em Camocim e formei dupla com o poeta Damião Libório, na Rádio Pinto Martins. Logo as pessoas ficaram sabendo do trabalho que eu já vinha fazendo em festivais em vários lugares, como Monsenhor Tabosa, outros lugares como Tianguá, onde eu já tinha morado, eu fui cobrado pelas pessoas e comecei a organizar o festival com o Damião e o apoio da Prefeitura. A gente organizou em outubro de 82, não tô lembrando a data, mas em outubro de 82 foi realizado o primeiro festival de cantadores daqui da cidade

19 RAMALHO, Elba Braga. *Música e palavra no processo de comunicação social – A cantoria nordestina*. Dissertação de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento. Fortaleza: UFC, 1992, p. 48.

de Camocim, no Instituto São José. Tinha aproximadamente um número de 20 cantadores²⁰.

Na fala de João Batista Sobrinho ele data a primeira edição do festival de violeiros e repentistas como sendo no ano de 1982, porém na entrevista realizada com o poeta e radialista Hernandes Pereira, ele apresenta uma data diferente.

No ano de 1987, quando era Prefeita de Camocim a Senhora Ana Maria Veras, foi realizado em Camocim um pequeno festival de violeiros, foi o João Batista Sobrinho que organizou. No ano seguinte eu, com apoio do Deputado Chico Aguiar e do atual Prefeito Murilo Aguiar Filho, organizei um Festival já com maiores destaques, dei continuidade, né, com a presença de mais cantadores famosos a nível nordestino. E vale ressaltar, que, durante mais ou menos uma década, o Festival de Poetas e Repentistas de Camocim, foi considerado um dos dez melhores entre as centenas deles realizados em todo o Nordeste²¹.

O poeta e radialista havia trabalhado na Rádio Pinto Martins, mas mudou de emissora, pois possuía afinidade como grupo político representado pela família Aguiar, e seu programa passou a fazer parte da programação da Rádio União. Em uma de suas falas, ele afirma que era importantíssima a participação da rádio e do apoio político para que os cantadores realizassem o festival de violeiros. Ele nos diz:

[...] não tinha como fazer festival sem rádio, sem divulgação, não tinha! Nem sem o apoio da Prefeitura. Aí o pessoal, alguns cantadores, ficavam com raiva,

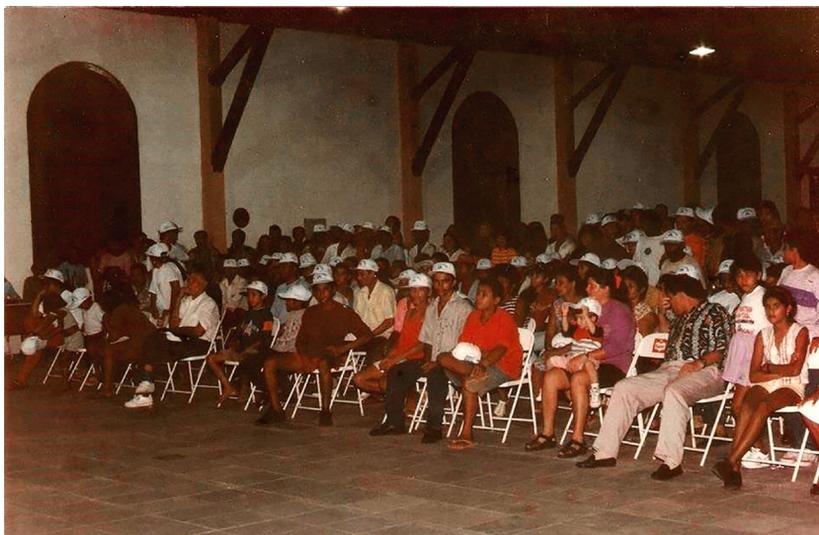
20 João Batista Sobrinho, 69 anos, violeiro e repentista. Entrevista realizada pela autora em 20 de março de 2016. Camocim-CE.

21 Hernandes Pereira, 75 anos, poeta e radialista. Entrevista realizada pela autora em 16 de junho de 2016, na sua residência, situada a Travessa Tiradentes 22, Centro, Camocim-CE.

meio assim porque tinham que cantar uns motes com relação a gestão, os vereadores. Ora, mas não era justo?”²²

O festival se desenvolve durante a década de 1990 com o apoio dos grupos e das famílias políticas que se revezavam no poder executivo da cidade. O apoio político e a divulgação na rádio dos eventos culturais traziam prestígio perante a população para o político que os encabeçava. A imagem abaixo mostra a presença do público em uma das edições do festival de violeiros.

Figura 5: Público presente em uma das edições do Festival de Violeiros de Camocim. S/d.



Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Camocim-CE.

2.3. Entretenimento e Comércio

Nesse período, a rádio era novidade para os jovens curiosos. Alguns desses jovens tornavam-se operadores de áudio e as emissoras ofereciam treinamento para os interessados que passavam a traba-

22 *Idem.*

lhar nas rádios e acompanhar o dia-a-dia nas emissoras. O Sr. Francisco das Chagas Carneiro Magalhães, conhecido como *Chiquinho da Rádio*, que trabalha até os dias de hoje na *Rádio Pinto Martins*, contou um pouco sobre como se deu sua entrada nesse meio.

Eu comecei a andar pela rádio, conheci os meninos e gostei. Aí comecei a treinar e tudo, aí um mês depois eu comecei a trabalhar na rádio, no ano de 82. O Carlos Alberto era o diretor na época, era um senhor que era casado até com a filha do dono da rádio, do primeiro dono [...] eu tinha um horário, sempre eu tive, sempre de manhãzinha, de cinco às sete da manhã. Eu trabalhava em outros horários quando faltava operador e eu cobria o horário deles. Eu ficava mais na parte dos evangélicos de manhãzinha. Aí tinhas outros programas: o do Seu Damião Libório, aí depois entrava o Marcelo e o Aderaldo Lima com forró [...] aí quando vinha os ouvintes do interior eles trazia (sic) coisas pro seu Damião e para mim também, alguns levava (sic) peixe, outros prometia e não levava (sic)²³.

A rádio serviu para propagação de vozes não somente políticas, mas das crenças e da cultura local: os programas evangélicos e as programações de forró ganhavam espaço dentro das emissoras. Na fala de Francisco, ele diz que “os ouvintes do interior eles trazia coisas pro seu Damião e pra mim também”²⁴ demonstrando o carinho e a relação entre os ouvintes e os que trabalhavam nas emissoras.

A entrada nas emissoras de rádio não atrairia apenas jovens rapazes, mas moças que queiram aprender e se lançar na carreira de radialistas, assim como todos os ouvintes pela música e pelo cotidiano da rádio. Uma das entrevistadas é Maria do Socorro Monteiro, que trabalhou como discotecária em ambas as emissoras.

23 Francisco das Chagas Carneiro Magalhães, operador de áudio. Entrevista realizada pela autora em 01 de maio de 2017. Camocim-CE.

24 *Idem*.

ras. Ela relata que sua entrada na *Rádio Pinto Martins*, de início, foi apenas para substituir sua irmã, mas que aos poucos o encanto da rádio lhe cativou e lhe desafiou até ter seu próprio programa.

Na primeira vez que eu entrei foi na Rádio Pinto Martins, eu fui colocada no lugar da minha irmã. A minha irmã trabalhava lá e eu, na época, tinha 17 anos, então eu fui *pra* lá devido a minha irmã que ela casou, ia mudar de cidade, então ela me colocou no lugar dela. Daí eu comecei a trabalhar lá como recepcionista, foi em fevereiro, do ano de mil novecentos e... Mil novecentos e oitenta e três. Pois é aí, como eu entrei lá como recepcionista e eu sou daquelas pessoas que gosta de aprender as outras coisas, fui aprendendo na época, hoje não tem mais, mas naquele tempo existia discotecária, quer dizer você programava todas as músicas que iam sair no rádio e na programação, e eu fui uma das tais que aprendeu muito rápido essa área. Aí me colocaram *pra* área da discotecária. Como lá existia a parte de locução, aí eu também ingressei na parte de locução, e o meu programa era infantil²⁵.

Ainda segundo a entrevistada, o clima entre os integrantes da rádio era de amizade e de descontração. Mas ela também nos conta que, quando mudou de emissora, seus primeiros dias foram de adaptação e que alguns, por conta da questão política, não demonstravam simpatia.

Eu trabalhei três anos na Rádio Pinto Martins, aí fui embora para Fortaleza. Quando eu voltei me colocaram de novo na Rádio Pinto Martins, mas *aí* eu vi que não era como antigamente, aí eu peguei fiquei desempregada. Uma amiga minha falou com o diretor na época que era o De Assis Medeiros e falou *pra* mim ir trabalhar lá, na Rádio União. Eu fui lá

25 Maria do Socorro Monteiro Matos dos Santos. 50 anos, Lojista. Entrevista realizada em 23 de outubro de 2018, no ponto comercial pertencente à entrevistada. Camocim-CE.

na Rádio União, aí como existia... existia não, ainda existe a política, né?! Como eu vinha de lá, da Rádio Pinto Martins, que era a família Fundo Mole, então me viram de outro jeito na Rádio União, entendeu? Inclusive teve gente que trabalhava lá na Rádio que jogou piada *pra* mim, eu acho que... eu acho que o mês todinho, entendeu? Por causa da política. Mas como na época era o Murilo Filho, o prefeito, ele disse: se ela tiver competência, se ela tiver responsabilidade, você pode encaixar ela que eu assumo. Aí eu trabalhei lá dezoito anos, e era na parte da administração, não tinha nada a ver com o trabalho que eu fazia na Rádio Pinto Martins²⁶.

Maria do Socorro conta que, aos poucos, foi se adaptando e ganhando o afeto dos colegas de trabalho. Na foto abaixo mostra os integrantes da *Rádio União* reunidos no pátio do prédio da emissora. Junto com ela estão alguns radialistas, operadores de áudio e outros.

Figura 6: Funcionários da Rádio União de Camocim (1990).



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Monteiro.

26 Maria do Socorro Monteiro. Entrevista já citada.

Na fala da senhora Maria do Socorro Monteiro é perceptível a disputa de audiência entre as duas emissoras: “assim, existia uma época que a Rádio Pito Martins tinha mais audiência que a Rádio União, depois a *Rádio Pinto Martins* perdeu a audiência pra *Rádio União*, aí quer dizer, todo tempo foi balanceada”.²⁷ Segundo a entrevistada, alguns ouvintes só ouviam a rádio de sua preferência política. “Quando a pessoa via que era realmente daquele partido, ela jamais quer ouvir a outra rádio, então acho que até hoje ainda exista esse tipo de ouvinte”.²⁸

Um fato que a senhora Maria do Socorro nos traz é que muitos desses ouvintes pagavam para ter um pedido de música atendido. Na *Rádio Pinto Martins*, a entrevistada conta que havia um programa de muito sucesso, o programa da Betinha, da radialista Elizabete Teixeira.

Tinha um programa de uma às quatro que era o programa da Betinha que era um programa que tinha bastante audiência. *Pra* pessoa pedir uma música ela tinha que pagar, entendeu? Aí a pessoa pagava e saía a música. Era muita gente pagando, era um programa que tinha muito mesmo pedido, audiência né? Em termo de dinheiro a rádio ganhava muito com o programa dela, a Elizabete Teixeira. Ela não mora mais aqui. E quando era época de Dia das Mães, Dia dos Pais e Natal, não dava vencimento. Era assim, vamos dizer, você mandava uma carta, você tinha que passar *pro* bloco, o pedido da música e pra quem ela oferecia. E era *pra* muita gente, era muita gente! E ganhava-se muito dinheiro nessa época.²⁹

Mas o público ouvinte das programações não eram apenas eleitores, também clientes consumidores, fossem de boa música,

27 *Idem.*

28 *Idem.*

29 Maria do Socorro Monteiro. Entrevista já citada

fossem do comércio local. Cada uma das emissoras possuía patrocinadores. Os grandes e pequenos comerciantes pediam aos locutores que anunciassem as promoções e seus produtos, muitos radialistas precisavam pedir patrocínio quando davam início a um novo programa na emissora. Alguns gravavam os anúncios dos patrocinadores em fita K7 para repassarem na hora do programa, outros sempre mantinham anotadas as informações sobre as lojas e os produtos.

Segundo Francisco das Chagas havia comerciantes que só anunciavam na emissora que tivesse maior audiência.

[...] tinha uns que *botava* nas duas, tinha uns que divulgavam só numa, dependendo da audiência da emissora, os comerciantes investiam. A nossa audiência era boa, até porque antigamente só tinha as duas, só tinha a Rádio Pinto Martins e a União³⁰.

As emissoras proporcionaram maior divulgação do comércio local, pois as rádios de Camocim alcançaram cidades vizinhas e os distritos de Camocim e de Granja. A divulgação dos eventos, festivais e a publicidade emitida pelas emissoras levavam a cultura e o comércio local até outras comunidades, despertando a curiosidade dos ouvintes para conhecerem a cidade e suas atrações.

Comerciantes, repentistas, políticos, artistas entre outros ligados ao meio de comunicação fizeram do rádio o palco e sua tribuna. As emissoras locais em Camocim, durante a década de 1980, foram fortemente difusoras de atividades econômicas, culturais e políticas.

O ano de 1988, período de redemocratização e do surgimento de uma nova Constituição, não alterou a configuração política de Camocim: duas famílias se revezam na prefeitura e no ano de 1989, Murilo Rocha Aguiar, pertencente ao grupo Cara Preta, as-

30 Francisco das Chagas Carneiro Magalhães. Entrevista já citada.

sume a prefeitura tão disputada. As emissoras pertencentes aos dois grupos ainda possuem a mesma influência junto a população, assim como seus padrinhos e representantes políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as primeiras transmissões do rádio no Brasil até hoje, em meio a tanta tecnologia dos meios de comunicação, entende-se o rádio como meio de comunicação de massa mais influente do século XX. Seu caráter ideológico, seu alcance social e sua difusão cultural o colocam como pai das mídias do século XXI.

Ao longo deste trabalho percebe-se que a história das emissoras de rádio AM, em Camocim, está ligada a uma história do contexto nacional, às nuances ideológicas, partidárias, às políticas econômicas e culturais. Camocim viveu sob forte influência da comunicação e da sonoridade das músicas levadas pelas ondas rádio AM durante a década de 1980. As disputas dos grupos políticos locais impulsionaram, propositalmente ou não, uma difusão cultural. Os programas de cantoria regidos por repentistas, que migraram para a rádio como estratégia para divulgar sua arte, nos provam o quanto o rádio pode se adaptar e quantas faces ele pode ter.

A pesquisa apresentada através de documentos, áudios, narrativas orais de uma memória, só foi possível porque se optou aqui não em reunir fatos para comprovar algo, mas entender e descrever a relação das emissoras e dos ouvintes com a programação, gerando, durante os anos aqui expostos, registros cheios de sentimento de identificação.

A cada análise havia sons do passado a serem descobertos e reconstituídos. Os acervos pessoais dos entrevistados, entre fitas K7, fotos e documentos recaiam sobre mais um aspecto a ser desbravado na história dessas emissoras. As entrevistas tornaram o presente trabalho possível, pois a escassez de fontes documentais oficiais impedia que se confirmassem alguns detalhes. Algumas das maiores dificuldades estiveram em explorar os conteúdos dos programas de cantoria, algumas pessoas envolvidas que acabaram falecendo e mesmo alguns depoentes que não conseguimos contato. Isso, de certa forma, inviabilizou uma maior reflexão sobre o assunto dentro dessa pesquisa, que permitiria pintar um quadro maior daquilo aqui apresentado se juntado ao que se tinha.

A oralidade tem maior relevância nessa pesquisa, não apenas como método para se reconstituir o passado e escrever sobre as funções sociais dessas emissoras para Camocim, mas também como característica importantíssima do próprio rádio e dos programas de cantoria. O som e a memória entrelaçados no refazer historiográfico.

Pôde-se, assim, reconstituir um pouco dessas memórias e sons e evidenciar o caráter das emissoras como meios de comunicação e divulgação, com ondas moduladas de alcance relativamente longo, que encontram na zona urbana e na zona rural ouvintes fiéis. E conquistou jovens que, atraídos pelo som e pela novidade, ingressaram nesse mundo de programações, músicas e disputas políticas.

A pesquisa aqui apresentada não se conclui no exato momento em que esse texto acabar, ela está apenas começando, pois na historiografia local há meandros ainda não alcançados. O que aqui está exposto é apenas um traçado daquilo que a política, a cultura e a própria rádio são para os camocinenses. As memórias e os sons dessa história ecoam e convidam a mais aventuras pelas ondas do rádio.

Desde o início não foi a intenção dessa pesquisa teorizar e esgotar um assunto tão vasto. Pelo contrário, a intenção é rabiscar historiograficamente as memórias e as relações entre os objetos historiográficos aqui apresentados. As lacunas que ficaram poderão ou não ser preenchidas, isso não cabe aqui dissertar, mas cabe dizer que essa pesquisa se conclui quando alcança seu objetivo principal: mostrar que meio de comunicação de massa atrelado a uma programação cultural e uma expressão - a cantoria - podem mover a cidade de Camocim e seu cotidiano.

FONTES

Fontes Orais:

1. Francisco das Chagas Carneiro Magalhães, 48 anos, operador de áudio. Entrevista realizada pela autora em 01 de maio de 2017. Camocim-CE.
2. Maria do Socorro Monteiro Matos dos Santos. 50 anos, Lojista. Entrevista realizada pela autora em 23 de outubro de 2018, no ponto comercial pertencente à entrevistada. Camocim-CE.
3. João Batista Sobrinho, 69 anos, violeiro e repentista. Entrevista realizada pela autora em 20 de março de 2016. Camocim-CE.
4. Hernandes Pereira, 75 anos, poeta e radialista. Entrevista realizada pela autora em 16 de junho de 2016. Na residência da autora, situada a Travessa Tiradentes, 22 centros, Camocim Ceará.
5. Maria José Alves de Sousa Mesquita, 61 anos, dona de casa. Entrevista realizada pela autora no dia 01 de maio de 2017, em sua residência, situada a Travessa Tiradentes, 22, centro. Camocim-CE.

Áudios de fitas K7:

Gravação em fita k7 do programa “Violas da minha Praia” de 1984. Material cedido do acervo pessoal de Maria José Alves de Sousa Mesquita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Edgard Patrício - **A voz do Ceará**: comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube entre 1934 e 1948. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2006.

BREITENBACH, Jerônimo. **Radiodifusão no Brasil**: avanços e retrocessos e a migração das emissoras em AM para FM. 2017.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio-Memória e História. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**, João Pessoa, 2003.

CALABRE, Lia. *et al.* **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

CALABRE, Lia. **A Era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CAMPOS, Eduardo. **50 anos de Ceará Rádio Clube**: 1934-1984. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceara (IOCE), (s.d).

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Cortez, 1982.

DAMASCENO, Francisco José Gomes *et al.* Algumas canções: música, tradição e incorporação do/ao universo urbano contemporâneo de cantadores. **XII Encontro Estadual - ANPUH Ceará**. 2010.

DELAVECHIA, Jurema Gonçalves da Silva. **O rádio como agente cultural e educativo**. Monografia. Cacequi. Universidade federal do Rio Grande do Sul. CINTED/UFRGS, 2012.

FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. **Rádio-Leituras**, v. 8, n. 2, 2017, p. 2.

FILGUEIRA, Cícero R. N. A modernização do Repente de Viola e os Impactos na sua Dinâmica. *In: X Encontro estadual de história ANPUH: História e contemporaneidade*, Petrolina. 2014.

GOMES, Salatiel Ribeiro. Vaqueiros e Cantadores: a desafrikanizada cantoria sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. **Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos** (encerrada), v. 1, n. 1, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

KHOURY, Yara Aun. Muitas histórias, outras memórias: cultura e o sujeito na história. FENELON, Déa. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

LE GOFF, Jacques *et al.* **História e memória**. 4. ed. São Paulo. Editora UNICAMP. 1996.

LOPES, Marciano. **Coisas que o tempo levou**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha. 2004.

NASCIMENTO, Carlos Manuel. **História e memórias dos serviços de altos falantes de Camocim**. Monografia. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú. 2009.

NETO, Mário Jorge Teles de Souza. **“A Vida do Alvinegro”**: um caso de rádio esportivo apaixonado. Monografia. Faculdade 7. 2008.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. O turismo e a ressignificação da cultural popular cearense (1970-1980). *In: XXVII Simpósio Nacional de História* - ANPUH. Natal. 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAMALHO, Elba Braga. **Música e palavra no processo de comunicação social** – A cantoria Nordestina. Dissertação de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento. Fortaleza: UFC, 1992, p. 48.

RAULINO, Francisco Wilson. **Jaguaribe, o vale das violas**. Morada Nova: s/ed., 1998.

RECTOR, Monica. Neiva, Eduardo (org.). Aspectos da estética das telecomunicações. *In: Comunicação na era Pós-moderna*. Rio de Janeiro: vozes, 1964

RÊGO, Leylane Michelle Vieira; AGUIAR, Virgínia Bárbara. Música, Cultura e Informação: preservação do acervo musical alagoano. **Biblionline**, v. 2, n. 2, 2006

RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; SILVA, Erotilde Honório. A popularização do Rádio no Ceará na década de 1940. **História da mídia sonora**, 2009.

SAUTCHUK, João Miguel Manzolillo. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. 2011.

SCHAFER, R. Murray. **Rádio radical**. Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea, v. 2, Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

VIEIRA, Sulamita. **O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural**. São Paulo: Annablume, 2000.

ZUNTHOR, Paul. **Performance, percepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.



Este livro foi composto em fonte Minion Pro,
em e-book formato pdf, com 68 páginas
Setembro de 2021

A Série História Camocinense segue neste volume 2 do tomo 1 tratando sobre a influência político-cultural do rádio em Camocim. Pesquisando uma década de documentação, Maely Alves de Mesquita nos conta um pouco sobre este veículo que exerceu e segue exercendo um impacto relevante nas vidas dos cidadãos locais.